

Maílson considera positiva postura norte-americana

BRASÍLIA — O ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, classificou ontem como "um passo positivo e um avanço conceitual importante" as novas diretrizes do governo dos Estados Unidos no tratamento da dívida externa dos países em desenvolvimento. Na nota distribuída por sua assessoria de imprensa, o Ministro evita uma avaliação formal da proposta norte-americana alegando que necessita de informações mais detalhadas sobre o novo programa.

Os dados preliminares sinalizam para a disposição dos Estados Unidos constituirem um fundo para a compra da dívida dos países no mercado secundário, repassando o deságio aos devedores. Maílson, porém, preferiu não fazer uma análise mais detalhada, alegando que a "formulação dos detalhes do programa norte-americano, bem como as condições de sua implementação", será discutida "o mais breve possível".

Este prazo breve para assessores da área econômica é o próximo mês, quando os países membros do Banco Mundial (Bird) e Fundo Monetário Internacional (FMI) se reunem para uma assembléia anual. Na avaliação destes assessores, desta discussão se analisará a viabilidade de realmente repassar o deságio aos devedores. Independentemente, porém, do aceno de uma proposta concreta dos Estados Unidos, o governo brasileiro prepara o seu cardápio próprio para apresentar à comunidade financeira internacional.

As alternativas para redução do estoque da dívida passam por um convencimento aos bancos comerciais de pequeno e médio porte. O governo acena com uma nova rodada de lançamento de bônus (exit bonds), troca de títulos com garantia adicional, nova proposta de securitização, bem como de recompra da dívida.

□ Sob o impacto do anúncio oficial da nova estratégia dos países ricos para a dívida do Terceiro Mundo, os chanceleres do Grupo dos Oito estão reunidos em Ciudad Guayana, na Venezuela, para debater a agenda do encontro que manterão com os ministros do Exterior da Comunidade Econômica Européia em abril, na Espanha. "Precisamos ser prudentes com relação à essa nova estratégia", resumiu o ministro do Exterior da Colômbia, Julio Londoño, sobre o que pensam os chanceleres da Argentina, México, Peru, Uruguai e Venezuela.